

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Maria Munck

**A RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ COMO SUPORTE NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER
INFANTIL POR PARTE DOS PAIS.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel / Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: Professora Sônia Regina Correa Lages.

Juiz de Fora
2018

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **ANA MARIA MUNCK**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201672500A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ COMO SUPORTE NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER INFANTIL POR PARTE DOS PAIS**, desenvolvido durante o período de 05/03/2018 a 06/06/2018 sob a orientação da Professora Sônia Regina Correa Lages, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA/UFJF como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e/ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2018.

ANA MARIA MUNCK

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou (X) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: Esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pela aluna autora do TCC e inserida após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ COMO SUPORTE NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER INFANTIL POR PARTE DOS PAIS

Ana Maria Munck

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a fé como agente de resiliência em pais e mães que receberam o diagnóstico de câncer em seus filhos. Quando o ser humano se depara, em algum momento da vida, com situações traumáticas, ele pode refutar ou promover uma atitude resiliente diante do problema para recuperar-se, superar e seguir em frente. A fé exerce, então, papel de mecanismo e recurso pessoal capaz de desencadear essa atitude, promovendo conforto espiritual no convívio com a doença (a partir do diagnóstico e durante o tratamento). Como parte da experiência humana, ela acalenta, protege, encoraja, produz esperança e auxilia o indivíduo a transpor os momentos de sofrimento, proporcionando um novo significado à vida. A partir dessa perspectiva, conclui-se que a fé é fator crucial para que pais e mães sejam capazes de enfrentar o tratamento oncológico do filho, adaptando-se ao novo contexto de desafio e adversidade com resiliência para superá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Câncer infantil, Fé, Pais, Resiliência.

1. INTRODUÇÃO

O câncer infantil representa uma das principais causas de morte por doença entre crianças e adolescentes (de 1 a 19 anos) no Brasil. O primeiro documento sobre câncer em crianças e adolescentes que apresentou o perfil de mortalidade desse grupo foi publicado, no Brasil, no ano de 2008 pelo INCA¹ (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva) em parceria com a Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica, a Sobope. Tal estudo revelou que em nosso país, dentro dos índices de óbitos de crianças, adolescentes e adultos jovens, o câncer representa a segunda causa de morte. Ainda de acordo com o Instituto – referência nacional no combate ao câncer - mesmo com a previsão de 12 mil novos casos no país em 2018, o progresso no tratamento de neoplasias infantis foi significativo nas últimas décadas e a chance de cura pode chegar a 80% dos casos, quando diagnosticado precocemente.

O momento do diagnóstico da doença é extremamente doloroso, trazendo incertezas, medo, questionamentos por parte dos familiares. Em muitos casos, a doença não pode ser tratada onde residem estas famílias, pois não há suporte médico e ambulatorial que proporcionem a terapêutica adequada, e então família e criança são obrigadas a alterar seu cotidiano e mudarem para uma cidade com estrutura para o tratamento. Em muitos casos a mãe é a principal acompanhante do jovem, enquanto pai e familiares próximos continuam na cidade de origem com o objetivo de prestar suporte financeiro e estrutural familiar.

Um estudo realizado pelo Instituto Oncoguia² em 2013 mostra que, em 70% dos casos, pessoas que receberam o diagnóstico de câncer relatam que inicialmente tiveram pensamentos de morte, desespero, medo, tristeza e dúvida. Os demais entrevistados, ou seja, 30% da amostragem, já reagiram ao diagnóstico com concepções mais positivas de cura, fé e superação. A forma como os pais recebem e encaram o diagnóstico de câncer em seus filhos faz toda a diferença no tratamento. Em alguns relatos mães se descrevem perdidas, “sem chão” e incrédulas diante do diagnóstico de câncer infantil. Após esse primeiro momento do diagnóstico, o enfrentamento com positividade é fundamental para transpor essa etapa e também uma oportunidade de fortalecimento dos laços familiares. É possível enfrentar os próximos passos através de atitudes que colaborem para que o sofrimento ao ver o filho em tratamento seja minimizado.

A atenção por parte de entidades de apoio, que podem ser representadas pela comunidade religiosa, associações sociais de apoio, centros de saúde com equipes multidisciplinares, além de outros familiares e amigos, tornam-se essenciais para que os pais possam se manter esperançosos e também fortalecidos perante a criança. Turner (2014) enfatiza a necessidade do apoio social para pessoas que receberam o diagnóstico de

¹ O Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) é o órgão auxiliar do Ministério da Saúde no desenvolvimento e coordenação das ações integradas para a prevenção e o controle do câncer no Brasil, criado em 1937. Fonte: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/sobreinca/site/oinstituto>

² ONG Instituto Oncoguia é uma associação localizada na cidade de São Paulo, formada por profissionais de saúde e ex-pacientes, que tem como objetivo, auxiliar pacientes com câncer levando informação e esclarecimento através de projetos, ações, apoio e orientação sobre a doença e seus direitos.

câncer, certificando que esta assistência proveniente de outras pessoas torna-se fundamental e imprescindível quando estamos doentes, e isto se faz necessário também, neste caso, para os pais que receberam este diagnóstico em seu filho. Outro autor pesquisado que corrobora a importância do cuidado é Leonardo Boff. Segundo o teólogo, o cuidado constitui uma categoria fundamental para entendermos a vida e as relações entre todos os seres, capaz de invalidar o medo e as sequelas produzidas.

De acordo com Guerrero (2011), afirma que sentimentos negativos de tristeza, indignação e angústia são decorrentes e próprios do câncer, assim como o medo da morte. O alívio e enfrentamento podem ser proporcionados pela força da fé e das crenças religiosas. Essas formas de expressão da espiritualidade constituem fatores de proteção capazes de promover o processo de resiliência humana.

As obras pesquisadas para este trabalho nos mostraram um crescente aumento nos estudos sobre a resiliência que apesar de ter seu conceito originário na Física, tem sido muito aplicada também nas ciências humanas. Nessa área, o tema visa promover a compreensão sobre a capacidade humana de enfrentar situações de adversidade, a potencialidade própria do indivíduo em projetar no futuro a superação e aprendizado necessários ao transpor uma situação traumática.

Para que seja possível promover um comportamento resiliente, é necessário investigar e descobrir seus pilares. Neste aspecto, diversas reflexões e pesquisas na área da psicologia vêm sendo realizadas com o intuito de fornecer subsídios para o melhor entendimento a respeito dos fenômenos e elementos que envolvem a resiliência, seus aspectos sociais, ambientais e culturais, além dos efeitos por ela produzidos na vida dos indivíduos. Segundo Rutter (1987), citado por Dell'Aglio et al. (2006, p. 31), "a resiliência é o processo final de mecanismos de proteção que não eliminam o risco, mas encorajam o indivíduo a se engajar na situação de risco efetivamente."

Ainda de acordo com artigos publicados por autores pesquisados para este estudo, como Almeida (2015), Chequini (2007), Dell'Aglio (2006), Larrosa (2008), Koller (2006) e Yunes (2006), a experiência religiosa, a vida espiritual e a fé – perpassada pela esperança - são razões fortemente ligadas a uma atitude de resiliência, pois dão sentido à vida e permitem superar crises, através da certeza da presença divina. E na fé e na certeza de "Um Deus bom e misericordioso" que mães e pais buscam conforto emocional durante o tratamento de câncer de seus filhos.

A partir dos aspectos e também das pesquisas bibliográficas com os autores apresentados acima, que se dedicam aos temas resiliência e espiritualidade e sua associação com o enfrentamento do câncer, que o presente trabalho tem por objetivo principal a compreensão da fé como importante fator de resiliência para mães que receberam o diagnóstico de câncer em seus filhos e, a partir de então, transporem este momento de incerteza e angústia. Trata-se de uma pesquisa elaborada a partir de temas que inter-relacionem a resiliência com a questão da espiritualidade e, em algumas obras, essas temáticas na perspectiva do câncer.

Tal estudo pretende despertar o interesse e ampliação das discussões sobre resiliência dentro da Ciência da Religião, mesmo que o debate sobre esse tema ainda esteja em estágio inicial em nosso país, conforme perspectiva apontada em Dell'Aglio et al. (2006), ao reconhecerem que o estudo da resiliência, apesar de relativamente recente, vem ganhando espaço e atenção de pesquisadores em países como o Brasil.

2. A RESILIÊNCIA

A pesquisa sobre o tema resiliência é recente no campo das ciências humanas. Alguns estudos sugerem três décadas. As primeiras abordagens remetem ao sentido de invulnerabilidade a partir da pesquisa com crianças que conseguiram superar as situações adversas que a vida logo cedo lhes impôs. Era uma visão ligada ao traço da personalidade do indivíduo.

Há três décadas começaram os primeiros estudos que deram origem ao que atualmente se conhece como resiliência. O conceito nasceu e começou a desenvolver-se com Michael Rutter, na Inglaterra e Emmy Werner, nos Estados Unidos. (Larrosa, 2008, p. 250)

Ao longo do tempo esta ideia inicial deu lugar ao que hoje entendemos por resiliência: uma capacidade humana em lidar com problemas, superá-los e readaptar a vida por meio de um processo dinâmico de enfrentamento positivo. Importante ressaltar que o indivíduo pode portar-se como agente resiliente perante uma determinada situação hostil e não o fazer em outro momento.

Em termos etimológicos, a palavra tem origem no verbo em latim *resilire*, que, segundo o Dicionário Latino-português (1975), significa, no sentido próprio, saltar para trás, voltar saltando. Outra definição é a apresentada no Dicionário Houaiss como sendo, no sentido figurado, a capacidade humana de se adaptar à má sorte, às mudanças e recobrá-las.

O termo está vinculado primeiramente à Física, indicando a capacidade de um material em retornar à sua forma original, após a ação de uma força deformadora. O significado desse verbete, vinculado à ciência anteriormente citada, é descrito como a particularidade apresentada por certos corpos quando esses voltam à sua forma original, depois de terem sofrido certa deformação elástica.

Nos últimos anos, a resiliência também foi abraçada pelas ciências humanas e sociais (como na psicologia e sociologia, por exemplo), porém já pode ser vista na área da administração, ao sugerir que empresas resilientes são aquelas que, mesmo passando por momentos de diversidade, conseguem se reerguer. De qualquer modo e com o passar do tempo, percebe-se que a ideia original da palavra foi mantida, ou seja, o retorno ao estado natural.

O professor e sociólogo Stefan Vanistendael explica que em muitos idiomas não existe uma palavra específica que expresse a resiliência humana, mas que as pessoas as reconhecem como uma realidade.

Em primeiro lugar, certificamos que a realidade da resiliência é muito real. É impressionante ver que tantas pessoas, do Chile a Taiwan, da África ao norte da Europa, da França à Bulgária, que a princípio não possuíam, em sua língua, uma palavra para expressar a resiliência humana, hoje a reconhecem facilmente. Não é só isso. Como reconhecer a realidade de algo se falta palavra para expressá-la? O inglês talvez seja uma das poucas línguas que tem uma palavra para expressar a resiliência humana. O que explica por que as primeiras pesquisas sobre esse assunto vieram dos Estados Unidos e da Inglaterra. Os outros idiomas, na maior parte, adotaram a palavra inglesa para usá-la também (espanhol, francês, alemão, italiano...). (Vanistendael, 2009, p. 95, tradução pessoal)³.

A psicologia também aderiu ao termo, buscando entender o comportamento das pessoas que apresentavam atitudes resilientes e com isso, suas habilidades para superar as vicissitudes e os infortúnios da vida, consideradas como fatores de risco, de maneira positiva. Ainda que haja sofrimento gerado por tais situações, os indivíduos conseguem superá-las. Portanto, não é um atributo de invulnerabilidade. Freud, através de seu entendimento psicanalítico, analisava o sentimento de resiliência através da realidade psíquica humana e a existência de fatores de proteção que funcionam como filtros na relação com a realidade exterior, a autoestima seria um desses fatores protetivos, por exemplo.

Chequini (2007) constata o aspecto apresentado acima ao reconhecer a nova abordagem da psicologia, chamada epistemologicamente de psicologia positiva, que propõe maior ênfase aos aspectos positivos do universo psíquico, salientando forças e potencialidades do indivíduo, face aos seus correspondentes negativos de depressão, ansiedade, angústia e agressividade e também em contraposição à psicologia tradicional, baseada nas manifestações psicopatológicas.

A resiliência apresenta-se como uma condição humana de estar, sendo variável e não absoluta. Ou seja, o indivíduo não é resiliente o tempo todo, nem tampouco age de maneira resiliente perante todas as circunstâncias adversas que se apresentam ao longo da vida. Luther (2010) endossa este caráter ao admitir a resiliência como um processo dinâmico e que resulta na adaptação humana em contextos de grandes adversidades. Esta adversidade é encarada como aprendizagem, crescimento, até mesmo reconstrução e resignificação da vida, já que em tais ocorrências, o indivíduo recorre a estratégias de fortalecimento e fatores de proteção para transpor suas dificuldades.

Neste sentido, Chequini (2007) também salienta que estudos atuais entendem a resiliência como um processo de interligação de vários fatores, componentes e circunstâncias, tanto individuais quanto coletivos e nos quais o indivíduo está inserido, como o ambiente sociocultural.

³ Texto original: En primer lugar, asegúrenos de que la realidad de la resiliencia es muy real. Es impresionante ver que tantas personas, desde Chile hasta Taiwan, desde África hasta el norte de Europa, desde Francia hasta Bulgaria, que al principio no tenían una palabra en sus propias lenguas para expresar la resiliencia humana, reconocen fácilmente la realidad de la resiliencia. Esto no es nada. Ya que ¿cómo reconocer una realidad si carezco de la palabra para expresarla? El inglés tal vez sea una de las pocas lenguas que tiene una palabra para expresar la resiliencia humana. Lo que explica que las primeras búsquedas sobre este tema provengan de los Estados Unidos y de Inglaterra. Las otras lenguas. En su mayoría, han adoptado la palabra inglesa para emplearla ellas también (español, francés, alemán, italiano,...).

Os fatores pessoais, bem como o ambiente no qual o indivíduo se encontra, são fundamentais para a redução dos efeitos negativos e a superação através de uma atitude resiliente. São fatores de acolhimento que, segundo Michael Rutter, através das autoras Dell'Aglio, Köller e Yunes (2006), reduzem a exposição do indivíduo às reações negativas, estabelecem a autoestima através de relações de afeto seguras e estimulam a capacidade criativa. A rede de apoio social também atua como mecanismo de proteção ao reforçar a confiança e promover suporte aos indivíduos que deles necessitam e minimizam os efeitos estressantes.

A noção dos fatores de proteção capazes de promover a resiliência ganhou reforço através de John Bowlby (1907-1990) e o desenvolvimento da Teoria do Apego, citada por diversos autores pesquisados. O psiquiatra britânico analisou e reconheceu o valor do vínculo entre a criança e seus cuidadores, por meio de observação comportamental, apresentado desde o momento do nascimento e capaz de gerar uma base segura de desenvolvimento saudável. O apego e a segurança atuam como provedores de resiliência, já que reforçam a sensação de confiança e pertença a um grupo protetor.

Almeida (2015) também destaca em seu estudo a importância do apoio social, ao citar a figura de proteção e a presença do outro como alguém que ampara e gera confiança. Corroborando neste aspecto Melillo (2005), afirmando que uma das grandes características da resiliência é a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade. O apoio incondicional que os pais recebem, bem como a aceitação irrestrita por parte deste apoio, são atitudes consideradas de grande importância e destaque para a superação das adversidades. Este apoio também pode vir de uma rede de proteção, como instituições educacionais, religiosas e organizações não governamentais que atuam como provedoras de resiliência, apoiando o indivíduo em suas necessidades durante momentos críticos.

Não obstante os fatores apresentados acima, destaca-se também a importância das crenças e práticas religiosas, como característica essencial e cultural humana para a redução da sensação de desamparo em situações adversas e fortalecimento da estrutura emocional. A espiritualidade e a manifestação da fé permitem ao homem dar novos significados para as circunstâncias adversas, buscando enfrentá-las com otimismo.

Segundo Larrosa (2008), o âmbito religioso atua como fonte de fortalecimento espiritual na superação de adversidades, perspectiva apontada a partir dos relatos de pessoas que encontraram em Deus o cuidado e o sentimento de amor. A doutora em Teologia observa também a importância da escuta e receptividade por parte do outro, aquele disposto a acolher e ouvir pessoas que passam por situações adversas.

Por fim, observa-se uma crescente tendência coletiva e popular ao banalizar o uso da palavra resiliência em qualquer circunstância. Diariamente nos deparamos com inúmeras postagens e mensagens em redes sociais e um oferecimento, quase "mágico", de soluções práticas para todos os problemas por meio da resiliência, como se fosse algo simples e corriqueiro. Entendemos que apesar de não ser possível metodologicamente pré-determinar "como ser resiliente em 7 ou 10 passos" previamente escolhidos, faz parte da essência humana (mesmo que não em todos os momentos da vida) buscar uma força interna para superar os obstáculos e adversidades, porém é preciso reconhecer que este é um estudo ainda em construção e sua compreensão deve abranger vários aspectos humanos.

3. ESPIRITUALIDADE E FÉ NO ENFRENTAMENTO DO CÂNCER

De acordo com o INCA, Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva, localizado no Rio de Janeiro e em atuação desde 1937, câncer – ou neoplasia maligna – é o nome dado a um conjunto de várias doenças que têm, como característica comum, a reprodução descontrolada de células e que podem dar origem a tumores em qualquer parte do corpo, no caso deste estudo, em crianças e adolescentes (de 1 a 19 anos).

Segundo o Governo Brasileiro, através do Ministério da Saúde, estima-se que em 2018 deverão ser diagnosticados 12 mil novos casos de câncer infantojuvenil. Apesar do aspecto negativo que esta doença traz consigo, a boa notícia é que a descoberta precoce, através dos avanços da medicina oncológica, tornou-se fundamental para o aumento das chances de cura que podem chegar a 80% dependendo do caso.

Receber o diagnóstico de câncer é traumático para todos, trazendo em si grandes desafios, principalmente quando este fato ocorre em um filho. O impacto da notícia pode estar ligado, num primeiro momento, a sentimentos que geram incerteza, descrença e até mesmo o medo da morte. Porém, esse estado momentâneo de incapacidade e desequilíbrio pode ser dissociado e a resiliência surge, então, como um processo de apoio e estímulo para atravessar tal situação.

Somos seres do *grito*. Há momentos em que sentimos nossa profunda pequenez, desamparados em nossa fragilidade e impotência. O coração se aperta, a voz se afoga na garganta, a amargura invade a boca, as mãos se erguem impetrantes e lágrimas suplicantes ou desesperadas escorrem de nossos olhos. (Boff, 2004, p. 16)

O câncer infantil causa grande repercussão no núcleo familiar. É um processo que requer adaptação e enfrentamento estratégico tanto por parte da criança quanto dos pais. À medida que mães e pais buscam se adaptar à nova realidade, apesar da mudança de rotina e hábitos, o estado de equilíbrio familiar tende a ser restabelecido. Em muitos casos tal estado de reequilíbrio provém inicialmente de esclarecimentos médicos mais detalhados. A partir de então, a assistência social por parte das casas de apoio, integração profissional para o cuidado, além de estruturação emocional e espiritual entram como recursos para restaurar a confiança dos genitores. Profissionais da área da saúde e outros de áreas afins, têm se engajado para mudar essa perspectiva, através de estratégias de enfrentamento que podem estar ligadas às informações mais claras e objetivas, ao aumento da tecnologia na terapêutica e também à abordagem espiritual. Guerrero confirma esse pensamento ao afirmar que:

A fé em Deus é um sentimento arraigado na nossa cultura e é tão necessária quanto são os outros modos de enfrentamento; o discurso mostra que a dimensão espiritual ocupa um lugar de destaque na vida das pessoas e mostra também que é imprescindível conhecer a espiritualidade dos usuários ao planejar o cuidado de enfermagem. (Guerrero, 2011, p. 56)

Um importante aliado para pacientes e familiares que convivem com o câncer é a chamada figura de apoio. É um trabalho multidisciplinar que objetiva a qualidade de vida e proporciona maior dignidade humana diante o momento enfrentado. Essa figura de apoio pode ser representada por associações, grupos e casas de assistência aos portadores de câncer. Algumas representações foram fundadas por médicos, profissionais da saúde, ex-pacientes e voluntários, que estimulados por suas próprias experiências, ou a partir da percepção pessoal da vulnerabilidade que muitas pessoas portadoras de neoplasia enfrentam, promoveram uma aliança filantrópica capaz de criar uma ampla rede de proteção.

Neste momento vale destacar a cidade de Juiz de Fora como referência no tratamento oncológico, possibilitando intervenções de alta complexidade. Considerando sua posição relevante na região da Zona da Mata mineira e também perante os estados vizinhos, que começaram a ser fundadas na cidade, casas de apoio e acolhimento para pacientes vindos de outros locais. São instituições sem fins lucrativos, que objetivam a humanização e suporte durante o tratamento oncológico do paciente, fornecendo-lhes hospedagem, alimentação, medicamentos e estrutura multiprofissional. Alguns exemplos na cidade deste engajamento solidário é a Fundação Ricardo Moysés Júnior, inaugurada em 1994, e a Bethânia Casa de Passagem e Acolhimento, em 2008.

São longos períodos de internação, sessões periódicas de quimioterapia, efeitos colaterais agressivos, separação dos familiares, amigos e convivência escolar, interrupção de outras atividades cotidianas e, em alguns casos, até mesmo a adaptação em outra cidade para o tratamento. Neste momento, muitas mães enfrentam dificuldade em conciliar trabalho e os cuidados com o filho; conseqüentemente, algumas acabam abandonando o emprego para dedicação exclusiva ao filho, o que também pode acarretar impacto financeiro familiar.

A convivência dos pais com o filho portador de câncer torna a vida um grande desafio e é preciso estabelecer novas rotinas familiares. É nesta hora que os protocolos a serem utilizados durante o tratamento devem, ou pelo menos deveriam, contemplar não só os cuidados médicos com a criança, como também, e de modo especial, o trabalho multidisciplinar com os pais. Beltrão (2007) reforça esta ideia ao afirmar que a família e a criança merecerem atenção especial, não só do ponto de vista biológico como também psicológico, social, econômico e espiritual.

Esta noção da figura de apoio, não está presente somente nas estruturas mencionadas acima, ela também pode ser percebida e refletida no sentimento espiritual. Boff (2004) confirma este pensamento ao afirmar que a vida pessoal ganha leveza e conserva, mesmo em meio a riscos e ameaças, serena jovialidade quando o ser humano percebe que não está só.

Turner enfatiza a orientação de Danira Coleta, uma terapeuta energética de Londres, que orienta seus pacientes diagnosticados com câncer a entrarem em contato com o lado espiritual para que possam compreender melhor a própria doença.

Ensino meus pacientes a acionar aquele botão do inconsciente que se chama fé. [...] É como acender uma luz. [...] O câncer é uma viagem que nos ensina muita coisa a respeito de nós mesmos. Ele nos obriga a examinar como estamos vivendo. (Turner, 2014, p. 86)

Esta dimensão espiritual é intrínseca no ser humano e pode ser dada a partir de crenças e práticas religiosas que ajudam a reduzir a sensação de desamparo em situações como a de enfrentamento de doença como o câncer. Elas são capazes de auxiliar na promoção de equilíbrio e estrutura emocional, atenuar o sofrimento numa busca de compreensão da vida, dos traumas vividos e na esperança pela cura.

As religiões, através de suas linguagens, proporcionam sentido à vida, principalmente diante do desalento humano. O indivíduo busca na fé e na crença pelo transcendente a proteção, compreensão e superação de situações traumáticas pelas quais passa. Rubem Alves (1981) reflete muito bem esta perspectiva ao afirmar que os homens têm necessidade de viver num mundo que faça sentido, e que este é dado pela religião.

A fé é um recurso pessoal usado como um pilar da resiliência, uma força interna incondicional que minimiza o desamparo. Alguns estudos, como o de Turner, contribuem significativamente com a importância da relação entre o físico e o espiritual, durante o tratamento.

[...] Segundo ele, restabelecer e fortalecer a conexão com essa energia divina que está dentro de nós é a melhor maneira de cuidar dessa “caixa”, o corpo físico, principalmente quando adoecemos. (Turner, 2014, p. 219)

O ser humano é espiritual e nessa dimensão ele descobre o sentido de sua existência e o significado da vida. Pela consciência de seu caráter existencial no Todo, o homem percebe que é capaz de lidar com problemas, desamparos e ir além. Tal pensamento pode ser confirmado em Leonardo Boff (2004) ao afirmar que a humanidade encontra na religião o alimento para a vida. É busca e reflexão constantes pela força transcendente que seja capaz de ajuda-lo na própria evolução.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada teve por objetivo abordar a fé como fator desencadeador de atitudes resilientes por parte de pais que tiveram seus filhos – criança ou adolescente – diagnosticados com neoplasia maligna. Tal objeto de estudo surge a partir de reflexões sobre as dificuldades e desamparos espirituais de pais e mães que acompanham seus filhos durante a terapêutica, e como podem superar este momento mediante a própria fé e atitudes resilientes. Espera-se proporcionar condições para que estes pais sejam ouvidos e acolhidos, considerando a vivência de suas experiências religiosas e criando apoio necessário para que possam superar este momento. Através de pesquisas em obras que abordassem os assuntos resiliência, fé e câncer, percebeu-se conformidade de pensamentos relativos à integração benéfica destes temas.

Verificou-se, ao longo deste trabalho, que a convivência com o câncer ainda é algo que assusta os pais, a criança ou adolescente que está doente, bem como os demais familiares. Muitas pessoas se recusam até mesmo a citar o nome, tratando somente por “aquela doença”, mas vimos que o avanço da medicina traz esperança e maiores chances de cura. Devemos compreender que são mudanças que comprometem a rotina e hábitos cotidianos, alteram o domicílio do paciente e acompanhante por longos períodos durante o tratamento, contribuindo com a desestabilização de alguns fatores como espiritual, financeiro, emocional e estrutural familiar. O enfrentamento da doença, apesar de ser um momento de muitos questionamentos, pode ser superado por meio de uma postura resiliente, desencadeando também o autoconhecimento e a redefinição do sentido intrínseco da fé. Esta ação da fé influi diretamente na melhoria da qualidade de vida e condições amplas da saúde, percebida tanto no enfermo, quanto nos pais.

Tilich (1985) nos ensina que a fé esteve presente em todos os períodos da história da humanidade. Ela é um ato do ser humano como um todo, o mais íntimo do espírito, aquele que nos toca incondicionalmente e por isso, torna-se imprescindível ao homem, agindo como um dínamo capaz de uni-lo ao infinito e promover um mergulho profundo em nossa própria essência. É uma realidade intrínseca à natureza do Eu. Cientistas da religião devem compreendê-la como uma perspectiva singular da experiência alheia, pois como tal, é descrita como sentimento verdadeiro baseado na experiência pessoal com o sagrado. A significação da vida pela fé

fornece ao indivíduo sentimento de segurança e proteção, desfaz o medo e a dúvida instaurados e também o fortalece espiritualmente.

A partir desta força nos tornamos capazes de transformar os percalços da vida em algo enriquecedor; e é por meio desta perspectiva que a resiliência se apresenta como uma habilidade humana de superação, que impulsiona o indivíduo para além de si mesmo. Não se trata de fugir da realidade, mas sim de uma tomada de consciência por parte do homem que suporta e enfrenta tal situação adversa com a certeza que a mesma será superada de maneira positiva, através da fé. Podemos dizer, então, que o homem é um sujeito ativo na ressignificação de sua história.

A resiliência não é uma característica intrínseca no ser humano; pelo contrário, é um processo dinâmico desenvolvido somente a partir da existência de situações hostis que impulsionam o indivíduo a superá-las. Tomamos, então, a fé como um elemento desencadeador desta resiliência, pois através dela, a pessoa entende que não está desamparada espiritualmente e não sucumbe às situações desafiadoras diante de si, ao invés disso, sente-se fortalecido e mobilizado a enfrentar os acontecimentos. Foi possível observar um consenso dos autores pesquisados, ao reconhecerem que a fé e a espiritualidade são importantes provedoras de uma atitude resiliente.

Assim, uma discussão se abre também no âmbito da Ciência da Religião para pensarmos os indivíduos e as situações traumáticas que vivenciarão ao longo da vida, por meio de abordagem dos temas fé e resiliência. Integrando os conhecimentos apresentados, é possível observar esta integração com o câncer infantojuvenil. Em momentos nos quais a vida expõe a nossa fragilidade humana diante de eventos traumáticos, como a descoberta da doença em um filho, é que atuação por meio da resiliência acontece, tendo a fé como fator essencial que estimula a ressignificação da vida e impulsiona os pais a transporem o momento com confiança.

Este é um trabalho que não pretende encerrar uma discussão sobre o que é resiliência e sua relação com o câncer infantil e a fé. Muito pelo contrário, seu objetivo é, por fim, o desenvolvimento da curiosidade de estudantes e professores sobre um tema tão discutido nos dias de hoje e capaz de gerar novas pesquisas na área da Ciência da Religião.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. **Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto.** Sacilegens, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 72-91, jan./jun. 2015.

BOFF, Leonardo. **O Senhor é meu pastor: consolo divino para o desamparo humano.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CHEQUINI, Maria Cecília Menegatti. **A relevância da espiritualidade no processo de resiliência.** Psicologia Revista, São Paulo, v. 16, n. 1 e 2, p. 93-117, 2007.

DELL'AGLIO, D.D., KOLLER, S. H., YUNES, M. A. M. **Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção.** Casa do Psicólogo, São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 21-79, 2006.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português.** Revisão Ruth Faria, 5ª edição, Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

HOUAISS, Antônio. **Pequeno dicionário Houaiss da língua Portuguesa.** Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2015.

LARROSA, Susana María Rocca. **Resiliência: Um novo paradigma que desafia a reflexão prática pastoral.** Revista Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, n. 28, p. 248-264, jan./abr. 2008.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. **Coping (enfrentamento) religioso/espiritual.** Revista Psiquiatria Clínica, São Paulo, n. 34, supl. 1, p. 126-135, 2007.

PERES, Júlio Fernando Prieto et al. **Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia.** Revista Psiquiatria Clínica, São Paulo, n. 34, supl. 1, p. 136-145, 2007.

TILLICH, Paul. **A dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TURNER, Kelly A. **Remissão Radical: sobrevivendo ao câncer contra todas as probabilidades**. Tradução de Vera Caputo. São Paulo: Alaúde Editorial, 2014.

VANISTENDAEL, Stefan, VILAR, Jesús e PONT, Elisenda. **Reflexiones em torno a la resiliencia. Uma conversación con Stefan Vanistendael**. Educación Social, n. 43, p. 93-103, 2009.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

BELTRAO, Marcela Rosa L. R. et al . **Câncer infantil: percepções maternas e estratégias de enfrentamento frente ao diagnóstico**. Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro.), Porto Alegre, v. 83, n. 6, p. 562-566, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572007000800014&lng=en&nrm=iso Acesso em 15/março/2018.

Ministério da Saúde / INCA. **Estimativa 2018 – Incidência de Câncer no Brasil**. Disponível em: <http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/estimativa-2018.pdf>. Acessado em 13/março/2018.

VIETTA, Edna Paciência. **Temas para autoconhecimento: Resiliência e Religião**, abr. 2012. Disponível em: <https://psicologaribeiraopreto.wordpress.com/2012/04/29/resiliencia-e-religiao-2/> Acesso em 17/março/2018.

ZIEGLER, Maria Fernanda. **Qual a reação a um diagnóstico de câncer?** Disponível em <http://saude.ig.com.br/minhasaude/2014-03-18/qual-a-reacao-a-um-diagnostico-de-cancer.html>. Acesso em 25/abril/2018.

CONTEÚDO ONLINE

<https://bethaniasadepassagem.org.br/nossa-historia/> Acesso em 03/maio/2018.

<http://ricardomoysesjr.org.br/rmjr/historia> Acesso em 03/maio/2018.